



Tempo de **mudar**

Em momento de reflexão sobre sua carreira e escolhas artísticas, Taís Araújo volta aos palcos e encara seu primeiro monólogo em 'Mudando de Pele', uma dramaturgia da britânica Amanda Wilkin. O espetáculo, com direção de Yara Novaes, está em cartaz no Teatro Sesc Ginástico. Página 2

Uma jornada de autodescoberta

Taís Araujo volta ao teatro em seu primeiro solo, 'Mudando de Pele', em cartaz no Sesc Ginástico

Depois de anos dedicada principalmente à televisão e ao cinema, Taís Araujo retorna aos palcos com "Mudando de Pele", seu primeiro solo. A montagem, baseada em texto da autora inglesa Amanda Wilkin, tem direção de Yara de Novaes e fica em cartaz no Teatro Sesc Ginástico até o dia 24, seguindo depois para São Paulo.

A peça acompanha Mayah, uma mulher de quase 40 anos que se sente inconformada em ter que reproduzir acordos sociais, emocionais e identitários. Movida por um desejo de ruptura profunda, ela inicia uma travessia de autoconhecimento e transformação, que se realiza a partir do encontro com outras mulheres — uma narrativa que, no palco, ganha corpo através de músicas originais, figurino assinado por Teresa Nabuco e a participação de duas musicistas: Dani Nega, responsável pela direção musical, e Layla, que toca instrumentos como a kora africana, uma harpa tradicional da África Ocidental.

A escolha de Araujo por este texto reflete uma busca pessoal. "Estou há anos em busca de um texto que fale sobre histórias de mulheres e mulheres pretas que não passe pela questão da sobrevivência ou da dor. 'Mudando de Pele' é uma reflexão com temas universais, que dialoga com o público em geral e com a artista que sou", explicou a atriz, que iniciou sua carreira teatral aos onze anos.

Após sua estreia profissional em 1993, participou de doze montagens. Entre elas, destaca-se "O Topo da Montanha", dirigida por Lázaro Ramos em 2015, que permaneceu em cartaz por mais de cinco anos e alcançou mais de meio milhão de espectadores. A atriz também construiu uma carreira sólida na televisão, com cerca de 20 novelas e minisséries, além de 13 filmes no

cinema, consolidando-se como um dos nomes mais relevantes de sua geração.

"O teatro me desafia, me ensina, me acolhe e me fortalece. Desde que encerramos as temporadas de 'O Topo da Montanha', tenho o desejo de voltar aos palcos. 'Mudando de Pele' me contempla enquanto artista em muitos lugares", disse a atriz em entrevista recente ao O Globo.

Yara de Novaes, que dirige a montagem, é atriz, diretora e professora de teatro com trajetória marcada por prêmios como APCA, Prêmio Shell, Questão de Crítica e Fundacen. Entre seus trabalhos recentes estão as direções de "Prima Facie", com Débora Falabella, "Teoria King Kong", adaptação de Virginia Despentes, e "Mãos Trêmulas", de Victor Nóvoa. No audiovisual, dirigiu a série "Angela Diniz" e participou do filme "Malu", vencedor no Festival Sundance.

"Eu me sinto honrada em construir com a Taís esta parceria junto de outros artistas que admiro muito. Este solo parte de deslocamentos que sua protagonista nem sabia que tinha e que geram uma grande jornada", destaca a diretora.

A produção conta com equipe técnica de destaque: dramaturgismo de Nathália Cruz, cenografia de André Cortez, direção de movimento e colaboração artística de Cristina Moura, desenho de luz de Gabriele Souza e tradução de Diego Teza. O figurino de Teresa Nabuco funciona como elemento narrativo, revelando o estado emocional da personagem em camadas — inicialmente desencaixado, depois em transformação, na busca pela plenitude.

Em uma indústria que frequentemente encaixa atrizes negras em narrativas de sofrimento ou resistência, "Mudando de Pele" oferece uma perspectiva diferente — a de uma mulher em processo de auto-descoberta e transformação pessoal, sem que isso esteja atrelado a trauma ou luta pela sobrevivência. É um gesto político e estético.

SERVIÇO

MUDANDO DE PELE

Teatro Sesc Ginástico (Av. Graça Aranha, 187 — Centro) Até 24/5, às quintas e sextas (19h) | sábados e domingos (17h)

Ingressos: R\$ 60, R\$ 30 (meia) / R\$ 15 (sócios Sesc) e gratuito (PCG)



Taís Araújo volta aos palcos após 11 anos dedicando-se a trabalhos no audiovisual

“Estou há anos em busca de um texto que fale sobre histórias de mulheres e mulheres pretas que não passe pela questão da sobrevivência ou da dor”



Débora Lamm define Cecília, sua personagem, como 'uma pessoa amoral que não tem o exercício do afeto e testa os limites da ética'

Limites tensionados

Adaptação teatral do romance homônimo de Andréa Del Fuego, 'A Pediatra' explora temas de poder, controle e violência em narrativa perturbadora sobre uma mulher sem escrúpulos

O romance "A Pediatra", de Andréa Del Fuego, publicado em 2021, chega aos palcos em sua primeira adaptação teatral. A montagem, dirigida por Inez Viana, que também assina a adaptação, está em cartaz no Teatro Firjan Sesi Centro com elenco formado por Débora Lamm, que interpreta Cecília, a pediatra protagonista, e Luis Antonio Fortes, que vive Celso.

A montagem é resultado de uma parceria entre Inez Viana e Luis Antonio Fortes, que idealizaram a adaptação do romance que se tornou referência na literatura brasileira contemporânea. "A Pediatra" conquistou leitores desde seu lançamento em 2021. Publicado em sete idiomas, foi considerado uma das melhores leituras do ano por crí-

“Cecília é uma mulher privilegiada, classista, cheia de preconceitos. Ela não percebe que sua má conduta se volta contra si e contra todas as pessoas à sua volta”

ticos literários. A autora paulista é vencedora do Prêmio Literário José Saramago em 2011 com seu romance anterior "Os Malaquias". "A Pediatra" consolidou Del Fuego como uma das vozes mais inquietantes da literatura brasileira contemporânea, explorando temas de poder, controle e violência através de uma narrativa perturbadora construída em primeira pessoa.

A protagonista é Cecília, pediatra que, a partir de uma prática clínica aparentemente ética, pas-

sa a se envolver em uma série de decisões que tensionam os limites entre cuidado, controle e violência. Mulher instruída, bem-sucedida e socialmente integrada, a personagem revela um desejo profundo de poder e manipulação em sua relação com crianças, mães e corpos infantis. A narrativa contrasta a frieza do discurso científico com a brutalidade dos atos descritos, articulando temas como maternidade compulsória, biopolítica, misoginia e abuso de

poder. Del Fuego constrói Cecília sem explicações psicológicas fáceis ou julgamentos morais explícitos, criando situações de desconforto para o leitor.

"Cecília é uma pessoa amoral, que estudou medicina pela facilidade de seu pai ser um médico benquisto por colegas e pacientes, mas ela mesmo não tem o exercício do afeto e o tempo inteiro testa os limites da ética, vivendo à margem do humano", define Débora Lamm, atriz e

diretora com carreira que se estende por mais de duas décadas, conhecida por seus trabalhos em programas humorísticos.

Seu parceiro de cena descreve seu personagem como "um cara de caráter duvidoso e amante de Cecília, a pediatra que fez o parto de seu filho Bruninho, uma criança por quem ela se vê encantada. Mas Celso também está encantado por Cecília".

"Cecília é uma mulher privilegiada, classista, cheia de preconceitos. Ela não percebe que sua má conduta se volta contra si e contra todas as pessoas à sua volta, perdendo uma oportunidade de praticar a medicina de forma mais humanizada", observa Inez Viana, atriz e diretora teatral com mais de três décadas de carreira.

A montagem pretende envolver o público de maneira cúmplice na qual Cecília contará sua história, ajudando a entender seus conflitos e anseios.

SERVIÇO A PEDIATRA

Teatro Firjan Sesi Centro (Av. Graça Aranha, 1 — Centro)
Até 24/5, às quintas e sextas (19h) | sábados e domingos (17h) | sessão dupla em 23/5 (15h e 17h)
Ingressos R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

CORREIO CULTURAL



Divulgação

Spike Lee lembra que cronologia do filme acaba em 1988

Spike Lee rebate críticas a 'Michael'

Spike Lee defendeu "Michael", a cinebiografia de Michael Jackson, dos que tem criticado a produção por omitir as denúncias de abuso sexual infantil que o cantor enfrentou durante a carreira. Segundo o diretor, que diz ter adorado o filme, a crítica não se sustenta uma vez que a narrativa termina em 1988, e a primeira acusação aconteceu apenas em 1993.

"Em primeiro lugar, se você é

um crítico de cinema e está reclamando de tudo - de todas essas outras coisas -, o filme termina em 1988", disse, em entrevista à CNN, sobre o longa.

"As coisas de que você está falando, as acusações, acontecem [depois]. Então você está criticando o filme por algo que você quer que esteja lá, mas que não funciona na cronologia da obra", argumentou o cineasta.

Como o diabo gosta

"O Diabo Veste Prada 2" arrecadou US\$ 233 milhões globais em seu fim de semana de estreia, com US\$ 77 milhões apenas nas bilheterias americanas. O filme obteve a segunda maior estreia de 2026 até então, atrás apenas de "Super Mario Galaxy", que estreou com US\$ 372,5 milhões mundiais. Atrás de "O Diabo", "Michael", que estreou com US\$ 217 milhões, e "Devoradores de Estrelas" (US\$ 140 milhões), aparecem em terceiro e quarto lugar do ranking. "O Diabo Veste Prada", lançado em 2006, abriu com US\$ 27,5 milhões nos EUA.

Meirelles a toda

Wagner Moura, Ralph Fiennes e Colin Farrell foram escalados para "Art", novo filme de Fernando Meirelles. Baseado na peça de Yasmina Reza e vencedora do Tony, o filme seguirá um trio de amigos que vê sua amizade em crise após a aquisição de uma pintura.

Meirelles a toda II

A comédia do diretor brasileiro estará no Mercado do Filme do próximo Festival de Cannes, área em que produtoras diversas buscam acordos de financiamento e distribuição. Meirelles também se prepara para lançar "Corrida dos Bichos" e "Here Comes The Flood".

Shakira é só gratidão aos brasileiros

Shakira usou as redes sociais para se despedir do Brasil e agradecer pela hospitalidade do povo brasileiro. "Não consegui dormir. Emoção demais. O que aconteceu no Rio foi inesquecível e arrepiante. Juntos podemos reconhecer o poder da música em todos nós", disse a artista cuja apresentação da artista atrasou pouco mais de uma hora devido a um mal-estar de seu pai.



Rafael Catarcione/Prefeitura do Rio



Nando Chagas/Divulgação

Giuliano Eriston experimentou ampliar as paletas sonoras de seu novo disco

Os muitos tons (e sons) de Giuliano Eriston

Cantor e compositor cearense revela ecletismo musical em 'Politonia', seu segundo trabalho autoral

AFFONSO NUNES

Giuliano Eriston acaba de lançar "Politonia", seu segundo álbum autoral. O cantor e compositor cearense trata o novo trabalho como uma mudança significativa em sua trajetória musical e retoma a parceria com o produtor Pedro Baby, com quem trabalhou no EP "Giuliano Eriston Canta Sérgio Sampaio" (2024). O ecletismo está no DNA desta politonia que alterna ritmos como maracatu, jazz, xote e R&B, com o artista cantando em português, inglês e francês.

Eriston conta que esta nova safra de canções é fruto de sua mudança de Fortaleza para o Rio, refletindo novas paixões, humores mais excitados e um tom crítico que não havia explorado em seus lançamentos anteriores.

O título é um neologismo criado pelo próprio artista para expressar sua busca por contrapor-se à monotonia de ideias — especialmente musicais — e abraçar a diversidade e multiplicidade do mundo. Na produção musical, Pedro Baby investigou as minúcias do material gravado para definir as sonoridades de cada faixa.



Divulgação

"É uma espécie de contraposição ao meu primeiro álbum 'Universo em Si', que tem uma paleta de cores bem restrita porque a instrumentação foi mais simples", explica Giuliano. No novo trabalho, o artista atua em múltiplas frentes: canta, compõe, arranja e toca diversos instrumentos. Pedro Baby comenta que "a música, a poesia e as interpretações de Giuliano Eriston reconstituem novas gerações à essência da MPB".

O álbum abre com "Lucidez", faixa íntima que mergulha em conflitos internos mas aponta para esperança e tempos melhores. Na sequência, "Gosto do Gesto" e "Festa no Infinito" conduzem para um território mais leve, explorando enamoramento e sensações de encantamento. "Corpo de Candiá", faixa de trabalho, surge como um ri-

tual noturno. Giuliano conta que a música nasceu ouvindo Moreno Veloso e explorando a musicalidade de palavras indígenas e africanas. Maturada ao longo de um ano e meio, a canção celebra a noite e sua magia. Moreno Veloso aceitou participar da gravação.

"Borogodó" traz tom irônico e bem-humorado para uma história de paquera frustrada. É a única parceria do álbum, composta com Pedro Baby e Gustavo Pereira — reafirmando a colaboração entre Giuliano e seu produtor. "Não Pro Sim" e "Vem Me Lembrar" mergulham em emoções densas, abordando desengano e saudade. Na reta final, "Teia" e "Waiting" retomam um olhar crítico, refletindo sobre questões sociais e políticas contemporâneas que atravessam a geração de Giuliano.

Nascido em berço artístico em Bela Cruz (CE), Giuliano revelou seu talento aos 13 anos ao fazer seu primeiro show solo no Festival Choro Jazz em Jericoacoara. Em 2021, foi o vencedor do reality show musical The Voice Brasil (TV Globo) e, ano seguinte, lançou seu primeiro álbum autoral "Universo em Si", produzido por Kassin, com parcerias de Ronaldo Bastos e Dirceu Leite.

Kenton Thatcher/Divulgação

o tempo refletido

António Zambujo inicia turnê brasileira de 'Oração ao Tempo', seu novo álbum. Apresentação no Rio será no dia 16 no Circo Voador

O alentejano António Zambujo escreve mais um capítulo de sua longa relação com a música brasileira na turnê 'Oração ao Tempo'

AFFONSO NUNES

António Zambujo chega ao Brasil em maio com a turnê de lançamento de "Oração ao Tempo", seu 11º álbum de estúdio. O cantor português se apresenta no Circo Voador no dia 16 de maio, com participação especial de Chico Chico, integrando uma série de 12 shows que passa por São Paulo, Porto Alegre, Florianópolis, Belo Horizonte, Recife, Fortaleza, Campinas, Brasília, Goiás e Ilhabela.

Nascido em Beja, no Alentejo, Zambujo é um dos maiores representantes da música portuguesa contemporânea. Seu percurso começou traçado entre o fado e o cante alentejano — influências que cresceram com ele desde a infância — mas rapidamente recusou ficar preso a gêneros e escolas musicais. Sua relação com a música brasileira é antiga e genuína. Ele gravou um álbum inteiro dedicado a Chico Buarque, "Até Pensei Que Fosse Minha" (2016). Antes disso, já havia gravado canções de Tom Jobim, Vinicius de Moraes, e Roberto e Erasmo Carlos.

Essa conexão profunda ganha novo capítulo em "Oração ao Tempo", com Caetano Veloso participando em dueto na faixa-título — um encontro que marca a primeira vez que o português grava uma canção de Caetano. A



António Zambujo e Caetano durante a gravação da faixa-título

gravação aconteceu no estúdio do baiano, no Rio, um encontro que Zambujo descreve como "honroso".

O álbum foi concebido ao longo dos últimos anos, a partir de reflexões iniciadas durante a pandemia. Propõe um olhar sensível sobre o tempo: sua passagem, seu aproveitamento e a importância de desacelerar para fazer melhor. Com esta premissa, gravar "Oração ao Tempo", uma das mais belas criações de Caetano fazia todo sentido.

"Este disco vem sendo pensado há vários anos, quase sem dar conta. Começou na pandemia, com a canção 'Pequenos Prazeres',



Capa de 'Oração ao Tempo'

e acabou por nascer desta reflexão sobre o tempo, sobre valorizá-lo, aproveitá-lo e fazer as coisas devagar. Não é tanto fazer menos, mas fazer menos para fazer melhor", explica Zambujo.

Com 15 faixas, o álbum reúne composições inéditas e parcerias recorrentes, como Maria do Rosário Pedreira, João Monge e Pedro da Silva Martins, além de nomes da nova geração portuguesa, como Carolina Deslandes, Mimi Froes, Rita Dias e Diogo Zambujo, seu filho. O trabalho inclui ainda releituras de Tom Jobim e Torquato Neto, e poemas de Vinicius de Moraes, Amalia Bautista e João Paulo Esteves da Silva, incorporados à narrativa do disco.

A trajetória de Zambujo com a música brasileira é progressiva e aprofundada. Começou com a bossa nova — João Gilberto, Tom Jobim, Vinicius de Moraes — e

evoluiu para uma relação mais intensa com Caetano Veloso e, especialmente, com Chico Buarque. O álbum "Até Pensei Que Fosse Minha" apresentou um intérprete que compreende a densidade poética e a delicadeza emocional que a obra buarqueana exige.

Em formato de show com banda, o repertório ganha corpo no palco com os músicos que acompanham Zambujo e que também gravaram o disco. A formação inclui João Salcedo (piano), Bernardo Couto (guitarra portuguesa), João Moreira (trompete), Francisco Brito (contrabaixo), José Conde (clarinete baixo) e André Santos (guitarra), que também assina arranjo e produção do álbum. Diogo Zambujo, filho mais velho do artista, faz o show de abertura em todas as datas da turnê.

Artista que entrega delicadeza, precisão e forte carga emocional em suas interpretações, António Zambujo está além da música tradicional portuguesa e da influência brasileira. É a síntese de tudo isso, filtrada pela sensibilidade de um artista que compreende que as fronteiras são mais flexíveis do que podemos imaginar.

SERVIÇO

ANTÓNIO ZAMBUJO

Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº — Lapa)
16/5, às 22h
Ingressos a partir de R\$ 160 e R\$ 80 (meia)

O circuito se Sganzerla no rugido de Djin

Divulgação

Filha do diretor e da estrela de cults como 'A Mulher de Todos' se firma como realizadora ao lançar 'Eclipse', um thriller sensorial sobre ciências e ancestralidades da natureza

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Com estreia marcada para esta quinta-feira, o thriller "Eclipse" chega ao circuito como uma das promessas de exasperação (e arrebatamento) de plateias mais fortes do cinema brasileiro no ano, consolidando a atriz e diretora Djin Sganzerla como uma das vozes mais inquietas da criação contemporânea.

A realizadora — que despontou ainda jovem, em 2003, no elenco de "O Signo do Caos", e estreou na realização de longas-metragens com "Mulher Oceano", em 2020 — regressa agora com um suspense sensorial. Sua trama cruza mistério, espiritualidade e investigação. Surpreendeu plateias ao passar pela Mostra de São Paulo de 2025.

No centro do enredo está Cleo, astrônoma grávida interpretada pela própria cineasta, cuja vida é abalada pela chegada da meia-irmã indígena, Nalu (Lian Gaia). A visita de sua mana mais moça desencadeia a revelação de segredos familiares e conduz ambas a uma descida à Deep Web, onde passam a investigar Tony (Sérgio Guizé), marido de Cleo, figura envolta numa inquietante duplicidade. Ele é Médico e Monstro numa psique só. Numa atmosfera de mistério, a produção mantém sua tensão contínua, sustentada pela fotografia rigorosa de André Guerreiro Lopes e por uma montagem vibrante, assinada por Karen Akerman e Karen



Em 'Eclipse', Djin Sganzerla e Sérgio Guizé desvelam as nódoas ocultas de uma relação afetiva acoçada pela monstruosidade

“Muitas vezes, os momentos mais potentes nascem justamente da abertura ao não planejado”

DJIN SGANZERLA

Black.

Filha do mítico diretor Rogério Sganzerla (1946-2004) e da diretora e atriz Helena Ignez (integrante do elenco), Djin define o seu processo criativo como um mergulho em zonas de risco e escuta: “Os momentos mais potentes nascem justamente da abertura ao não planejado”, diz em entrevista via Zoom ao Correio da Manhã. “Esse projeto veio de um grande medo, quase um desespero, uma angústia enorme... até que ouvi a voz do meu pai a dizer: ‘a tua única saída é dirigir’. Quis fazer um thriller, talvez até ouse chamá-lo de um thriller social, se é que podemos usar esse termo. Escrevi o roteiro ao lado de Vana Medeiros, com o desejo de construir um filme de gênero, mas sem abrir mão de uma abordagem humanista, que talvez seja

uma marca do meu olhar como diretora.”

A partir daí, ela construiu um método profundamente intuitivo, guiado por imagens de força, com signo animal — no caso de “Eclipse”, a onça. “Essa fera é meticulosa, cautelosa, escuta antes de agir. Curiosamente, o filme foi se fazendo assim.”

Essa dimensão instintiva atravessa também o trabalho das atrizes. Para Lian Gaia, a relação entre as irmãs é o verdadeiro motor emocional do filme: “Elas unem-se na vulnerabilidade uma da outra e encorajam-se mutuamente. Há uma simbiose onde forças e fragilidades se completam.” A atriz sublinha ainda a importância da ancestralidade: “A Nalu confia nesse legado e traz uma verdade que não vitimiza, mas transforma.”

Do lado masculino dessa dramaturgia, Sérgio Guizé constrói um antagonista feito de silêncio e tensão latente. “O silêncio é uma ferramenta fundamental. O personagem observa, aprende, e age como um caçador”, explica. Para o ator, essa contenção amplifica a violência interior: “Ele acredita que tem poder — um poder institucionalizado — e isso define a forma como se move no mundo.”

Já Helena Ignez, figura central na formação artística de Djin, destaca o embate entre formas de conhecimento que o filme propõe: “Existe uma crítica profunda ao pensamento estabilizado. A ciência surge aqui também como instrumento que pode desinformar.”

Para a diva, aclamada por cults como “A Mulher De Todos” (1969), a presença musical de Elza Soares reforça essa dimensão crítica: “A música traz uma força extraordinária, quase como um chamamento.”

Entre influências que vão de Brian De Palma ao legado da Boca do Lixo, “Eclipse” se afirma como um objeto híbrido — simultaneamente sensorial e polí-

tico: “Quando deixamos espaço, o espectador também cria a obra. As leituras tornam-se múltiplas — e isso é o mais fascinante”, explica Djin. “Noto, nos filmes que dirijo, que a história já tão está dentro de mim, em todas as camadas — uma vez que escrevi o roteiro e visualizei cada cena — que a atuação acaba se encaixando de forma natural nesse processo. Mesmo com menos tempo de preparação, ela surge como uma extensão orgânica de tudo aquilo que já me habita.”

“Eclipse” se posiciona no circuito não apenas como um exercício de estilo, mas como uma experiência aberta, onde o feminino, a memória e a ciência se entrelaçam num cinema que recusa fórmulas e aposta na vertigem da criação.

“Muitas vezes, os momentos mais potentes nascem justamente da abertura ao não planejado”, explica Djin. “De maneira orgânica, penso a direção considerando o todo. Meus pais sempre foram diretores-produtores. Sou uma diretora que pensa o filme em todas as suas camadas, desde o desenvolvimento do roteiro até a sua concretização.”

CRÍTICA FILME | A FÚRIA

POR RODRIGO FONSECA - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ



Divulgação

Brado de Guerra... em busca de escuta

Titular de uma bilheteria milionária em sua estreia em longas-metragens, com “Os Cafajestes” (1962), Ruy Guerra afirmou, faz pouco, que a literatura mais fantasiosa que tem consumido ao largo de seus 94 anos é feita por cientistas, não por romancistas ou contistas. Questões físicas e químicas debatidas pela Epistemologia na contemporaneidade soam como patafísica, como comédia bufa, para o realizador, compositor, ator e cronista moçambicano, que chegou ao país nos anos 1950, já rapazola, e logo abraçou seu olhar.

Talvez por isso, “A Fúria”, que marca a sua volta às salas de projeção, recém-chegado ao circuito, desafia um código científico básico de entropia, numa discussão sobre o regresso de uma matéria morta à vida, em nome de uma vingança.

Mário, o ex-soldado, mais tarde operário, apresentado pelo diretor aos cinemas em 1964, em “Os Fuzis” (1964), e depois retomado em “A Queda” (1978), volta do Além no que se apresenta como o desfecho de uma trilogia ganhadora de dois Ursos de Prata na Berlinale. Era Nelson Xavier (1941-2017) quem interpretava o personagem lá atrás. Agora, cabe a Ricardo Blat (re)viver esta

figura, num exercício poético de reflexão sobre perenidades e resquícios que Ruy dirige em dupla com Luciana Mazzotti.

Faz tempo (ponha aí este século inteiro, desde 2000) que o cineasta se enfurnou na metafísica que existe entre a plenitude da Matemática e as acelerações da Física. Foi parar lá quando idealizou “Estorvo”, pelo qual foi indicado (pela terceira vez) à Palma de Ouro, 26 anos atrás. Nesse espaço, ele vem caçando novas formas algebricas de falar de “amor” e de “sonho”. O primeiro substantivo é a argamassa de suas canções, como compositor. O segundo é o alicerce de todos os seus filmes,

tanto aqueles fincados no realismo (como “Portugal S.A.” e “Kuarup”), quanto os mais flutuantes (o febril “Quase Memória”). É o indício de que sua dramaturgia tem vértices na geometria da abstração. Não por acaso, ele levou o Cavaleiro da Triste Figura (“Dom Quixote”) aos palcos duas vezes, em 2007 e em 2023.

“A Fúria” se mantém... plasticamente, sobretudo... nessa linha de desafiar a concretude do real (e de seu par dramático, o realismo), assumindo um formato de fractal, entre a fábula e um encapsulamento teatral do plano. Colabora para isso o uso do vídeo mapping (projeção de

imagem em larga escala) a fim de construir cenários, reproduzindo geografias diversas. Lembra “Sin City” (2005), até certo ponto, só que de uma brasilidade latente, de colorido pulsante. Tal engenho, contudo, não cria ilusões. O lado brechtiano que Ruy carrega consigo convida a um perene distanciamento do que é ilusório, sobretudo da retórica partidária.

Por isso, sua razão de ser é política, o que dá ao seu roteiro um tom de charge e um ethos de alegoria moral. Conversa mais com um certo Pasolini dos anos 1960 e 70 (entre “Pocilga” e “Os Muros de Sana”) e com “O Inspetor Geral”, de Gogol, do que com os exercícios audiovisuais do presente. Carrega ainda um certo elogio ao tempo, ao rever (e reviver) o Cinema Novo, o movimento de modernização de nosso discurso estético (na tela grande) do qual Ruy foi um dos pilares.

Filmado no Polo do Audiovisual, em Jacarepaguá, “A Fúria” testemunha o empenho de Mário na peleja por um acerto de contas com dois poderosos que o traíram – e, de forma simbólica, deram uma rasteira no “sonho brasileiro”, a nossa maior ficção. Um deles é seu sogro, hoje um barão da construção civil, Salatiel (Lima Duarte, em estado de graça), bilionário que financia campanhas parlamentares. Um de seus apoiadores é o outro traidor: Feijó (Daniel Filho), candidato à presidência da Câmara dos Deputados. A atuação de Daniel é de um viço raro.

Renascido, mas sem poderes, o Mário encarnado num Blat de verve ultrarromântica soa qual um ente desterrado e desterritorializado. Como o filme se desenha a partir de sua ira, sua narrativa (de uma poesia acachapante) configura um universo à parte, singular, entre o real e a fantasia, onde o mundo dos vivos e o mundo dos mortos ganha uma estética expressionista, antinaturalista, na iluminação, na cenografia, na dramaturgia e na mise-en-scène.

Acolhido pelo indígena Palavra (Urutau Guajajara), Mário conta, ainda, com a ajuda de três mulheres — a deputada em ascensão Petra Machado (Grace Passô, um sol em cena), a líder de facção paramilitar Monalisa (Lux Nègre) e Laura, a neta de Salatiel, encarnada por uma Simone Spoladore com ares de valquíria.

Esse exército cobra do poder apenas atenção e escuta. Não é um delírio utópico. Não é (de modo algum) um filme melancólico, que se agarra ao cinemanoivismo para negar o cinema de hoje. É apenas um brado. Só que é um brado com o lirismo de um de nossos mais finos poetas.

Daniel Filho tem atuação em estado de graça sob a direção de Ruy Guerra, com quem filmou ‘Os Cafajestes’, em 1962

ENTREVISTA | ANA CECILIA IMPELLIZIERI MARTINS

EDITORA

‘Nós sabemos quem somos, e gostamos do que nos tornamos’

OLGA DE MELLO Especial para o Correio da Manhã

A imagem de um bazar oriental, ponto de encontro de várias épocas, de culturas e de referências determinou a escolha do nome da Bazar do Tempo, uma editora que descobriu, aos poucos, sua vocação feminista, privilegiando a literatura e a história das pioneiras do movimento no Brasil, dando ênfase a temas — ficcionais ou não — relativos à mulher, à liberdade, à democracia.

O ponto de virada veio em 2018, acredita Ana Cecília Impellizieri Martins, que criou a Bazar dez anos atrás, quando investiu na publicação de livros que tratam da história do feminismo. Com um catálogo que é referência nos estudos de gênero no Brasil, o planejamento da editora para os próximos dez anos é “manter-se de pé” para executar um projeto de “consolidação e aprofundamento do pensamento crítico no país, com temas ligados aos debates raciais, à nossa história”, conta Ana Cecília, em entrevista ao Correio da Manhã.

O número de publicações assinadas por mulheres ainda é inferior a livros de homens, no mercado editorial brasileiro. Como igualar por gênero o número de lançamentos?

Ana Cecília Impellizieri Martins - Sem dúvida, as vozes das mulheres foram tomando muito mais espaço, sobretudo, na literatura contemporânea brasileira. No entanto, tenho a sensação de que a presença das mulheres ainda não se firmou totalmente entre as grandes premiações. Prevalece um cânone muito masculino, na crítica literária, na literatura, nas bibliografias. Isso começa a ser mudado, já existe uma demanda social e dos atores que estão envolvidos nessas questões literárias e culturais. Há anos em que as mulheres estão nas bibliografias dos vestibulares, ganham prêmios, mas logo depois os homens dominam de novo. Então há um espaço e uma necessidade de consolidação e realmente de mudança do cânone, que é um pouco a nossa inspiração, trazendo obras de mulheres que deveriam ser referência nos seus respectivos campos de produção e ainda não são. Queremos, de certa forma, provocar um pouco essas tensões, esses

questionamentos e tentar provocar uma mudança, criando um cânone mais plural, mais diverso.

O feminismo brasileiro ainda é restrito às mulheres de boa escolarização e melhores condições econômicas, o que se refletiria na literatura?

Temos, na Bazar do Tempo, a compreensão das diferenças de perspectiva de um feminismo que nasce no cotidiano, na vida diária, de uma mulher da favela que é muito diferente de uma mulher branca da Zona Sul, o que vemos em “Feminismos favelados”, da Andreza Jorge. O feminismo também pode ser encontrado e provocar reflexão, identificação e indagação na ficção. Trouxemos autoras da América Latina, como a Yuliana Ortiz Ruano, autora do “Febre de Carnaval”, que de uma população minoritária negra no Equador e de uma família que vive violência sexual ao longo de gerações. A literatura é uma maneira de conseguirmos adentrar em temáticas importantes para a vida das mulheres e para o feminismo, provocando essa identificação de um outro caminho que não seja necessariamente o caminho da teoria, o caminho da não ficção.



“A literatura é uma maneira de conseguirmos adentrar em temáticas importantes para a vida das mulheres e para o feminismo, provocando essa identificação de um outro caminho que não seja necessariamente o caminho da teoria”

Qual é a importância do Clube F., o clube de leitura da Bazar do Tempo?

O Clube F. começou um pouco antes desse grande boom dos clubes de leitura no país. Para a editora, além de trazer todo mês uma obra inédita de uma autora, estrangeira ou brasileira, ele conseguiu formar e manter uma comunidade. A perenidade desse grupo, que hoje gira em torno de 500 pessoas, garante uma certa segurança para apostar e adquirir títulos com direitos autorais um pouco mais caros no exterior, e

assim publicar autoras e autores renomados. Ao consolidar, de um lado, essa comunidade, e, de outro, esse conjunto de livros que chamamos de biblioteca feminista essencial, que passamos a mover nossas escolhas editoriais, equilibrando livros de não ficção com livros de ficção de vertentes diferentes para poder apresentar, da maneira mais ampliada possível, esse panorama gigante de grandes autores em diferentes áreas do pensamento e da criação.

Quais são os planos da

Bazar do Tempo para os próximos dez anos?

Nós sabemos quem somos, e gostamos do que nos tornamos. Não queremos ser outra coisa, queremos aprofundar nossa vocação, seguir fazendo livros, abrindo espaço para autoras e autores e seguir também publicando quem está conosco há muito tempo, como o Luiz Antonio Simas, que fala de Brasil. Para os próximos 10 anos, espero, primeiro, que a gente consiga estar de pé e sempre aprofundando e consolidando o nosso projeto editorial.